

Aureliano: "Figueiredo não pode ter candidato"

Vice condena métodos de seus adversários e não crê que presidente esteja irritado com ele

JOAQUIM FIRMINO



Aureliano, ao chegar ao Jaburu: "Não me fale em renúncia. Isso não é nem hipótese"

JOÃO BOSCO RABELLO
Enviado especial

Fortaleza — "O que não pode é ele dizer que não tem candidato e depois ter", disse ontem o vice-presidente Aureliano Chaves, ao revelar aos convencionais do PDS, no Palácio da Abolição, que prefere acreditar na neutralidade do presidente Figueiredo em relação à sucessão, desde que devolveu ao partido a coordenação. Aureliano Chaves relatou um diálogo entre ele e Figueiredo quando comunicou ao chefe do governo que, diante de sua desistência da coordenação, passaria a procurar os convencionais do partido para tentar a indicação à sua sucessão.

Segundo o vice-presidente, Figueiredo foi colocado a par de suas intenções desde esse diálogo, quando o Presidente lhe garantiu não ter preferência por um nome. O vice-presidente, então, conforme contou aos convencionais, disse que iria disputar a preferência do PDS, mas desde que conseguisse apoio em seu Estado, Minas. Essas explicações Aureliano deu para contestar a tese de políticos, segundo à qual, ele teria entrado com atraso na corrida sucessória.

"Eu não retardei coisa nenhuma", afirmou, irritado, Aureliano. E acrescentou: "Eu como vice-presidente da República julguei que era meu dever não tomar a iniciativa de conversar com convencionais, para que isso não fosse traduzido por aliciamento". Aureliano explicou que, ao aceitar a delegação expressa do PDS a Figueiredo, pela coordenação de sua própria sucessão, passou uma procuração ao chefe do governo e, então, tinha que acatar a decisão que ele viesse a tomar.

Aureliano voltou a condenar os métodos dos outros candidatos, embora não citasse nenhum explicitamente. Ele disse que aceita com naturalidade os compromissos de cada um junto aos convencionais, mas desde que esses compromissos sejam com a representatividade, com a coletividade, e não de ordem pessoal.

— Compromisso com a coletividade, sim. De natureza pessoal, nunca. Ninguém recebe o

mandato do povo para utilizá-lo em compromissos individuais. Recebe-se o mandato do povo para utilizá-lo em benefício da coletividade — disse.

NORDESTE

O desabafo de Aureliano Chaves veio em resposta a uma pergunta sobre o que poderia prometer para o Nordeste, já que outros candidatos que visitaram a região prometeram até cargos em diversos níveis. Ainda nessa resposta, o vice-presidente disse que é preciso reformular a política do governo federal em relação à região e que esta não pode mais viver das "benevolências dos recursos daqueles que ocasionalmente detêm o poder".

— Compreendo perfeitamente o jogo político. Não sou nenhum astronauta para ficar flutuando no espaço da realidade que me circunda. Mas, como dizem os nossos caboclos lá do interior de Minas, "esperteza demais vira bicho e coma o dono". Eu não acredito em esperteza política, porque ela tem um limite e esse limite é a inteligência de suas vítimas — afirmou.

Ele voltou a defender as eleições diretas e até demonstrou cansaço em responder a pergunta. Lembrou que ao ser lançado por Minas Gerais, defendeu a redução do mandato presidencial e o restabelecimento das eleições diretas. Estas, entende, são uma aspiração da Nação e como tal, "o governo deve procurar ir ao seu encontro".

Nesse contexto, Aureliano Chaves fez uma advertência aos convencionais:

— A Nação não vai ficar indiferente aos compromissos assumidos por A e B que não sejam para a coletividade.

IRRITAÇÃO

Ele disse não acreditar nas notícias de que Figueiredo estaria irritado com ele. Segundo afirmou, o relacionamento entre ele e o presidente Figueiredo é de "perfeito entendimento". E, por isso, não crê nas especulações.

— Não acredito. O que estou fazendo é um direito duplo meu: como vice-presidente e como político. Vou continuar percorrendo o País em busca dos convencionais, para conversar, achar pontos comuns — disse.